

UM LAR EM NOVAS TERRAS MIGRANTES EM SÃO CARLOS (1950-2000)

Muito trabalho, muita luta, mas, assim, eu adoro. Embora o sotaque, eu sempre me considero são-carlense, aprendi a gostar daqui e agradeço muito
Abel Ribeiro (Campo Mourão-PR)

Desde do início de sua história, São Carlos tem recebido migrantes de várias regiões do Brasil e mesmo do mundo. Seu destaque durante o período cafeeiro e, posteriormente, com a implantação industrial e de grandes universidades fez da cidade um polo atrativo para pessoas, grupos e famílias que procuravam uma vida melhor ou novas oportunidades.

Segundo o IBGE, de 2005 a 2010, São Carlos recebeu mais de 18 mil migrantes. No censo anterior, de 2000, entraram no município em torno de 15 mil pessoas. A chegada de migrantes de várias regiões brasileiras têm se acelerado desde os anos 1950, com o estabelecimento definitivo de muitos desses indivíduos.

A partir dessa constatação, esta exposição apresenta aspectos teóricos sobre o fenômeno migratório e dados sobre a região a partir da década de 1950, quando a industrialização e desenvolvimento econômico da região Sudeste acelerou a migração para o Estado de São Paulo, prolongando-se até os anos 2000. Este levantamento é entremeado com as experiências de migrantes radicados em São Carlos durante o período da pesquisa, humanizando os áridos índices populacionais que escondem as experiências pessoais envolvidas na migração e seus impactos na decisão de ficar ou partir da cidade receptora.

A Fundação Pró-Memória de São Carlos, através da Divisão de Pesquisa e Divulgação (DPD-FPMSC), agradece a todos que colaboraram com essa pesquisa: aos funcionários, estagiários e pesquisadores que, de acordo com suas demandas, tornaram essa exposição uma realidade; aos técnicos que trabalharam na sua produção; a sede do IBGE em São Carlos que atendeu sempre as solicitações da DPD-FPMSC; e, principalmente, aos migrantes e suas famílias que abriram suas portas e histórias de vida para demonstrar a realidade dessa parcela da população local e o papel relevante que tem na composição de São Carlos.

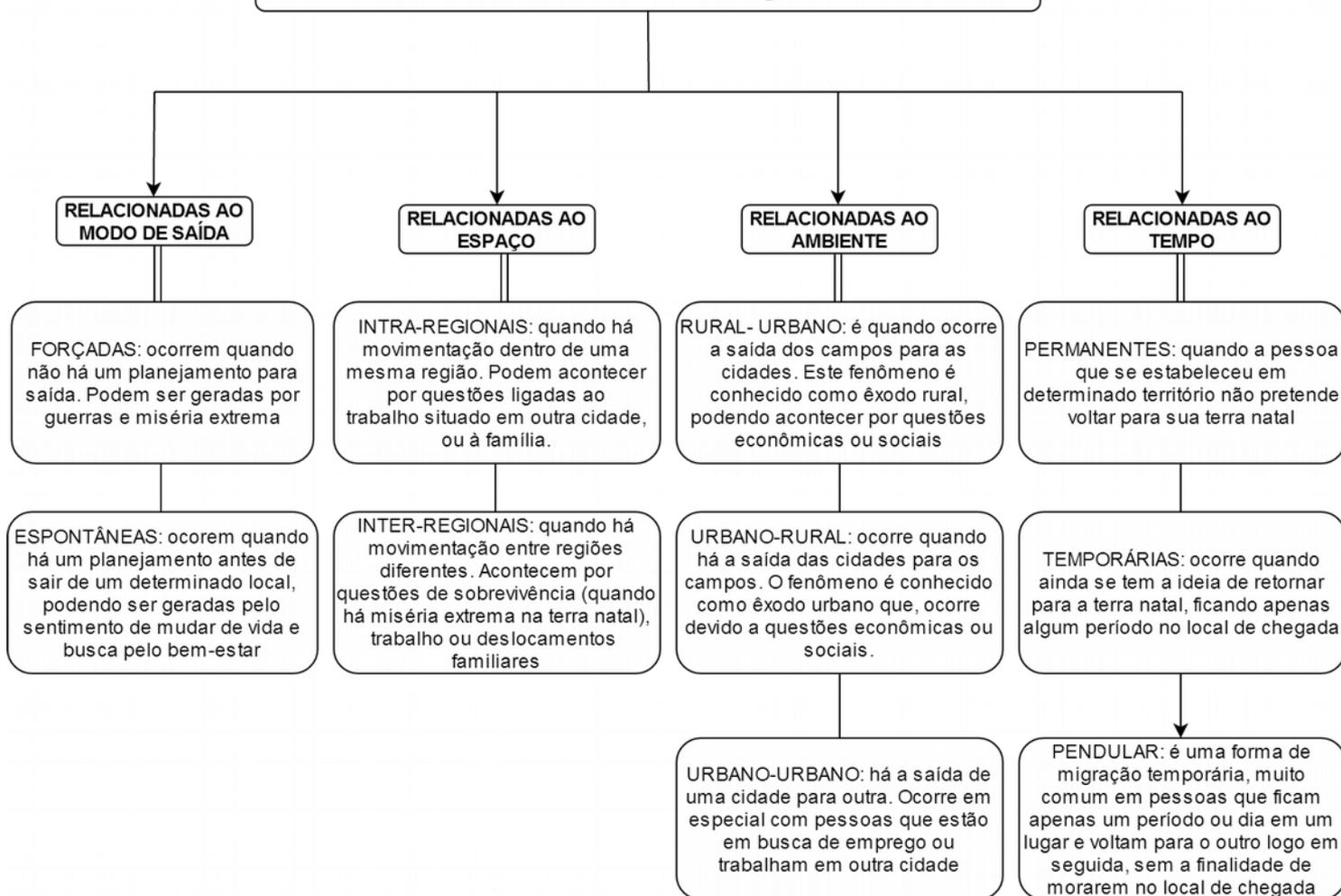
*In Memoriam de José Olavo Azevedo e Haroldo Palo Jr,
colaboradores deste trabalho e que, infelizmente, partiram antes de vê-lo concluído.*

MIGRAÇÃO: VÁRIAS FORMAS DE ANDAR PELO MUNDO

O que é migração

O verbo migrar remete a sair de uma região e se estabelecer em outra, seja por tempo curto ou longo. Quando alguém sai de um país e vai para outro, pode ser chamado de *emigrante* (do ponto de vista do lugar do qual saiu). Quando esta pessoa chega ao país de destino, é considerada uma *imigrante* (do ponto de vista do lugar que a recebeu). Um grupo ou uma pessoa não se movimentam apenas de país para país; podem sair de um estado para outro. Existem ainda, por exemplo, as migrações sazonais, com deslocamento para o trabalho na lavoura. Vale ressaltar que as migrações também podem ser forçadas, seja por causa de crises ambientais, econômicas, ou até guerras.

TIPOS DE MIGRAÇÕES



Perfil Geral da Migração no Brasil

No Brasil, principalmente fatores econômicos e sociais levam as pessoas a migrarem para regiões oferecedoras de melhores condições de vida. Por exemplo, já no começo dos anos 1800, quando as minas de ouro começaram a se esgotar, numerosos mineiros mudaram-se para o Estado de São Paulo como posseiros ou produtores de gêneros agrícolas exportáveis para outras regiões e países. Em meados do século XIX, a produção cafeeira tornou-se a principal responsável pela vinda de indivíduos, em especial para o estado de São Paulo, que recebeu numerosos imigrantes da Europa e da Ásia.

Com o fim de duas guerras mundiais no século XX, as migrações internas aumentaram consideravelmente. Os nordestinos foram os mais numerosos a se deslocarem de seus estados de origem para outras regiões. Estados do norte, centro-oeste, sudeste e sul receberam contingentes de pessoas que buscavam melhorar de vida, irem ao encontro de familiares, ou mesmo, encontrar novas oportunidades. Muitos foram migrando para diferentes cidade e estados, em busca de um lugar, outros acabaram ficando, por terem estabelecido uma família e devido a necessidades do trabalho. O sudeste ganhou destaque como receptor de pessoas, devido ao processo de urbanização e crescente industrialização.

(...) ele [marido] é de São Carlos, de uma família tradicional daqui. (...) nós começamos a namorar e casamos, e eu vim morar em São Carlos. (...) eu engravidei, casei e vim morar em São Carlos. Andreia Reis (Lages-SC)

Na ferrovia eu entrei em mil novecentos e sessenta e quatro, com vinte e um anos (...) eu trabalhava em Presidente Vargas, trabalhava em Urânia, Jales, Votuporanga, Estrela D'Oeste (...) a turma sabia que eu tinha uma

ligação com São Carlos, que inclusive eu casei aqui - porque eu conheci a Cleuza [esposa] assim que eu fui trabalhar lá em [Santa Fé do Sul] em sessenta e quatro, eu era bilheteiro, bilheteiro e telegrafista. (...) O inspetor... acho que sabia tudo, falou 'vagou a estação de São Carlos aqui como chefia'. Ofereceram se eu queria. Ademar Luiz dos Santos (Jaci-SP)

(...) só aos nove anos eu entrei na escola, que era uma escolinha simples. Aquelas escolinhas na casa da professora mesmo (...) consegui estudar somente até a quarta série primária porque não tinha mais, né! Aí parei de novo e continuei por lá... e só aos dezessete anos de idade meu pai deixou que eu sáísse de casa, autorizou, e eu arrumei um empreguinto na casa de família, fora de lá, na cidade de Campina Grande, na Paraíba. Maria do Carmo Neves (Campina Grande-PB)

Já no século XXI, presenciamos as chamadas migrações de retorno: a volta a terra natal de pessoas que ou passaram por situações desfavoráveis ao chegarem na região desejosa, não superaram as saudades; ou ainda devido ao desenvolvimento recente nos estados ou municípios de onde vieram. Um exemplo disto é a região nordeste onde houve um crescimento econômico considerável, se levamos em conta décadas anteriores.

“Mais ou menos uns dez, treze anos pra cá, vamos dizer assim, que baixou, que acalmou essa situação. Os jovens estão tendo mais oportunidade de estudar lá, de ficar lá mesmo. Entendeu? Então, não tem mais aquela saída como tinha antes. (...) se eu pudesse, eu ficaria na minha cidade [Livramento de Nossa Senhora, interior da Bahia]. Eu gosto de São Carlos, mas eu gosto da minha cidade. (...) O que aconteceu lá foi uma coisa assim, mais atualmente, mais bem projetado, mais bem arquitetado, que foi a crescente plantação tanto de manga, quanto de maracujá. Virou um celeiro de plantação de manga e maracujá.” - Aparecida das Dores Silva (Livramento de Nossa Senhora-(BA)

MIGRAÇÃO PARA SÃO PAULO

No início dos anos 1950, houve uma expressiva migração interna, consequência da industrialização, responsável por expandir o meio urbano nas cidades. O êxodo rural se acentuou, sendo desfavorável a muitas famílias agricultoras, que partiram para as cidades.

Nos anos 1960, ocorrem migrações inter-regionais, nas quais muitas pessoas foram para grandes cidades do sudeste, em especial, para a região metropolitana de São Paulo, num fluxo migratório que chegaria até os anos 1970, com cerca de 3,2 milhões de migrantes.

No final dos anos 1970 e início dos 1980, vários fatores intensificaram as migrações para o interior de São Paulo:

- crises políticas e sociais que aconteceram no período;
- crise da economia cafeeira no Paraná;
- secas e miséria constantes no Nordeste;
- processo de desconcentração industrial na região metropolitana de São Paulo e deslocamento para o interior paulista;
- política “pró-alcool”, responsável por estimular o cultivo da cana-de-açúcar e pela demanda de mais trabalhadores.

SÃO CARLOS COMO CIDADE IDEAL

Desde a fundação de suas universidades e estabelecimentos industriais, São Carlos tem passado a imagem de cidade tecnológica no interior de São Paulo. Este fator foi determinante para a ocorrência das migrações.

São Carlos, a partir da década de 1950, passou por um significativo êxodo rural. Muitos saíram do campo e foram trabalhar, principalmente, em indústrias como a Pereira Lopes e as indústrias de Germano Fehr. No mesmo período, houve também a vinda de pessoas de outras cidades paulistas em busca de vagas na Escola de Engenharia de São Carlos (atual USP) que acabara de ser fundada e era ponto de atração no interior de São Paulo.

E aí meu pai me procurou em um dia chuvoso... domingo de manhã... 'você não quer ir pra São Carlos? Vai ter o vestibular lá e você tem que fazer a inscrição até depois de amanhã' (...) Aí fui lá na escola, me inscrevi, prestei o vestibular... entrei em terceiro lugar. - José Olavo de Azevedo (1934-2018) (São Paulo-SP)

(...) a Federal e a USP contribuíram de forma muito intensa pra cidade de São Carlos. Agora eu como diretor da Pereira Lopes, eu fui participando na cidade de vários empreendimentos. - Coriolano Meirelles (São Paulo-SP)

São Carlos foi coisa do vestibular. (...) Setenta e três eu vim pra cá. Dois de fevereiro eu fiz a minha matrícula aqui, trazido pelo meu avô... o meu avô Mário que formou a fazenda lá em Paranavaí... que provocou toda a mudança... - Haroldo Palo Jr (1953-2017) (Paranavaí-PR)

Em 1970, com a fundação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e consolidação da USP, em conjunto com a demanda crescente por trabalhadores em indústrias como a CBT e a SICOM, o fluxo de pessoas vindas, em especial, da região sudeste manteve-se constante.

(...) a gente já tava olhando onde que tinha cursos de pós-graduação. O nosso, em Recife, é até hoje com uma ênfase em planejamento urbano, bastante ligado em economia, ciências econômicas e coisas assim, e a gente não queria isso. E a gente tinha descoberto que tinha a FAU e tinha aqui, falamos: "dois cursos em São Paulo, vamos conhecer". Então foi o que a gente fez, aproveitou o congresso, a gente viajou até São Carlos e ficamos encantadas com a cidade. - Maria Ângela Bortolucci (Recife-PE)

(...) desde a década de setenta que...Que vem gente, gente de antes de setenta... - Zezito Rodrigues de Matos (Pesqueira-PE)

(...) os irmãos da minha mãe (...) tinham restaurante aqui...e venderam esse restaurante para os meus pais. (...) Era o Bar e Restaurante Moderno, chamava assim...na baixada do Mercado, por isso que eu to te falando...na Geminiano Costa. - Adriana Colin (Boa Esperança do Sul-SP)

(...) foi isso que eu busquei sempre estudar...isso que eu considero riquíssimo, porque eu considero que eu tenho...harmonia com a minha família, harmonia com as pessoas. (...) Entrei no Prouni na Unicep e comecei a estudar publicidade e propaganda...no primeiro ano prestei fuvest... licenciatura em ciências exatas, e prestei biblioteconomia na Federal - Amilton do Sacramento (Riachão do Jacuí-BA)

Na década de 1980, com o início de uma grande crise no Brasil e extrema miséria nos estados da região nordeste, devido às secas, chegam em São Carlos muitos nordestinos. Estes migrantes vieram incentivados pela política pró-alcool e pela produção de laranja que demandavam muita mão de obra para as colheitas.

Vim cortar cana [sozinho] e aí com oito mês eu mandei buscar a fãmia. Eu trabalhei oito mês na Santa Rita, aí ganhei o meu acerto, fundo de garantia e aí eu mandei o dinheiro pra minha fãmia vim. - Antonio Rodrigues da Silva (Pesqueira-PE)

Na cana eu trabalhei até a usina mandar embora, mas só que eu trabalhei pouco, nove ano só, aí depois eu trabalhei na laranja. - Zezito Rodrigues de Matos (Seu Zezito) (Pesqueira-PE)

No final dos anos 1980, paranaenses começam a destacar-se entre os grupos de migrantes mais numerosos a se fixar em São Carlos. A vinda destes deve-se principalmente a uma crise geral, relacionada com decadência do café no Paraná.

A explosão do café foi em setenta e cinco... eu sei pelas histórias que eu ouvia do meu pai. (...) Foi a época da evasão realmente da lavoura, não só do café. (...) Mudou-se a atividade (...) do café pra pecuária - Abel Ribeiro (Campo Mourão-PR)

(...) no primeiro ano que nós plantamos café lá... não deu nada, não foi produtivo... porque uns quatro ou cinco anos antes dessa data, tinha batido umas geadas pretas no Paraná e as terras estavam completamente desvalorizadas, ninguém queria nada por nada. - Marcelina dos Santos (Maringá-PR)

Porém, há indícios de um crescimento desenfreado e pouco amparo para a maioria dos grupos que estabeleceram-se na cidade, gerando problemas urbanos, sociais e econômicos. Dozena (2001), que escreveu sobre o desenvolvimento em São Carlos, constatou que a falta de planejamento local e o gradativo aumento populacional teria levado a segregação espacial na cidade. Já Maciel (2012), a partir de seus estudos sobre migrantes nordestinos em São Carlos, apontou que o esgotamento da região central de São Carlos gerou o deslocamento de muitas pessoas recém-chegando para as periferias no município, estimulando a especulação imobiliária, mas sem a existência de uma infraestrutura necessária.

Censo demográfico feito em São Carlos na década de 1960

Tempo de residência	Número de pessoas que entraram
De 1 a 5 anos	6.038
11 anos e mais	10.153

Fonte: IBGE

Censo demográfico de São Carlos em 1970

Regiões	Número de pessoas que entraram
Nordeste	515
Norte	9
Sudeste	29.975
Sul	424
Centro-Oeste	178

Fonte: IBGE

Censo demográfico de São Carlos em 1980

Regiões	Número de pessoas que entraram
Nordeste	3.614
Norte	93
Sudeste	128.969
Sul	3228
Centro-Oeste	612

Fonte: IBGE

Censo demográfico em São Carlos de 1995 a 2000

Regiões	Número de pessoas que entraram
Nordeste	2.104
Norte	337
Sudeste	14.783
Sul	1.807
Centro-Oeste	774

Fonte: Maciel (2012, p. 80)

DAS TERRAS DO PARANÁ PARA SÃO CARLOS

O estado do Paraná sempre teve um constante movimento migratório, recebendo pessoas e ao mesmo tempo, perdendo-as. No começo dos anos 1970, com modificações na agricultura, a partir da introdução das máquinas e concentração de terras, o emprego de braços para o trabalho nas lavouras de café diminuiu drasticamente, além de deixar os pequenos produtores rurais em desvantagem.

Bom, resultado, no primeiro ano que nós plantamos café lá... não deu nada, não foi produtivo... porque uns quatro ou cinco anos antes dessa data, tinha batido umas geadas pretas no Paraná e as terras estavam completamente desvalorizadas, ninguém queria nada por nada." "Não vendia... nada. Mas me lembro dele trabalhando na lavoura de café... - Marcelina dos Santos (Maringá-PR)

(...) foi acabando o café, acabando o café, deu aquela doença no café e foi acabando o cafezal. Aí uns optaram por plantar mandioca, que é aquela mandioca brava que eles falam que é pra fazer farinha, e bicho-de-seda, o bicho da seda. - Verônica Messias Santana (São Jorge do Patrocínio-PR)

Diante desse quadro, várias famílias começam a migrar para outros estados, em especial para o de São Paulo, por ser fronteiriço e muito atrativo pela oferta de empregos no meio rural com a cana-de-açúcar, citricultura e as indústrias no meio urbano.

Famílias de paranaenses começam a chegar em São Carlos, a partir dos anos 1970, com o objetivo de trabalharem em fábricas ou nas plantações de cana-de-açúcar que exigiam pouca qualificação.

(...) trabalhava, por exemplo, na SICOM, trabalhava a noite, e quando ele saía o outro chegava pra dormir no lugar dele, e era aquela loucura. E isso foi durante, nós chegamos em novembro, e isso foi mais ou menos até dezoito de dezembro, foi quando a casa do meu pai ficou pronta. - Abel Ribeiro (Campo Mourão-PR)

Uma das condições que tornava viável a vinda de migrantes paranaenses para São Carlos era a existência prévia de parentes ou outros familiares, cruciais no estabelecimento constante de pessoas no município.

(...) Tinha um irmão dele aqui. Tinha três irmãos dele na verdade, os mais velhos que já tinha vindo há três anos... - Verônica Messias Santana (São Jorge do Patrocínio-PR)

As redes familiares são um fator determinante para a ocorrência da maioria dos casos de migração, porque quando algum membro da família já está estabelecido em algum local, torna-se mais segura e garantida a vinda do restante dos membros da família.

(...) nessa época morava em São Carlos esse meu primo, morava um tio, que mora aqui no Cruzeiro do Sul, do lado da pracinha, e o meu cunhado. Nós chegamos, mais ou menos, em vinte pessoas, quinze ou vinte pessoas. - Abel Ribeiro (Campo Mourão-PR)

De acordo com os relatos das entrevistas, os migrantes do Paraná conseguiram empregos estáveis a partir dos conhecimentos que adquiririam em sua trajetória. Com isto, puderam ter uma família e abrir seus próprios negócios.

(...) foi passando os anos, a Jéssica nasceu [filha], aí eu fui acostumando [em São Carlos]. Sabe? Eu fui acostumando, eu fui gostando, e eu gosto daqui (...) eu morei no Paulistano, eu gostava de lá. Eu morei dezesseis anos na vila São José, e entre a vila São José e o Paulistano (...) - Veronica Messias Santana (São Jorge do Patrocínio-PR)

Trabalhei dezessete anos numa oficina mecânica, uma única oficina mecânica. Ela me ajudou a formar como profissional, como pessoa... minha educação. (...) Desde os dezessete anos, eu fui trabalhando, comprei um terreno e construí a minha oficina. (...) O meu filho hoje estuda em uma escola particular, tem plano de saúde, escola particular, ou seja, eu consigo dar uma condição boa pra ele. - Abel Ribeiro (Campo Mourão-PR)

(...) trabalhei com várias pessoas. (...) tive muito colega...muitos mesmo, muitos amigos...teve assim, sabe?! (...) o meu marido eu conheci na Área Azul de São Carlos, em mil novecentos e setenta e nove.(...) Prestei um concurso no estado (...) Pra servente de escola...e fui chamada. Aí eu fui trabalhar...o primeiro lugar que eu trabalhei foi no Andreino Vieira (...) - Marcelina dos Santos (Maringá-PR)

População de São Carlos - 2000

Total – 192.998

Não naturais do Estado – 31.873

Paraná – 31%

Minas Gerais – 19,8%

Bahia – 15,4%

Fonte: DA SILVA, V.F. Origem migrante. Avá. n.11. Posadas. Jul/2007

NORDESTE DE VÁRIOS POVOS: CHEGAR E ADAPTAR

O QUE NOS IMPULSIONA

Desde o fim do século XIX, ocorre a vinda de nordestinos para a região sudeste, para trabalharem junto com imigrantes estrangeiros nas fazendas de café, entretanto, no início dos anos 1950 – marcado por fatores como a industrialização e a urbanização, além do fim da imigração maciça de estrangeiros para o Brasil –, a migração de nordestinos se intensifica no Brasil. A região nordeste, em especial os estados de Alagoas, Bahia e Pernambuco, são fortemente marcados pelas secas intensivas que, chegam a durar anos, diferindo drasticamente das outras regiões brasileiras.

Era seco, tinha ano que não chovia, nós já nós não lucrava, abria frente de emergência que chamava, pra gente trabalhar, pra ganhar o pão, viu,

era, trabalhar cavando barreiro, sabe, os home cavava, as mulhé carregava no bambuê. - Maria Eunice Rodrigues (D. Nicinha) (Cajazeiras-PE)

No fim dos anos 1950 e começo dos 1960, o sudeste passava a imagem de local desenvolvido e atrativo, devido principalmente por suas empresas e universidades nascentes. Logo, migrar para cidades como São Carlos e Ribeirão Preto ia além de “mudar de vida”, chegando a ser uma questão de sobrevivência para a população nordestina. São Carlos se consolidava enquanto centro industrial no estado de São Paulo, por possuir indústrias e universidades.

(...) tinha uma tia minha que veio pra cá e ela gostou (...) ela veio pra trabalhar na indústria, ela e o marido dela - Manoel Laurindo da Silva (Coruripe-AL)

E tinha aquela ilusão também que ‘ah, São Paulo...’ ouvi o que a imprensa passa de São Paulo. São Paulo é a salvação dos problemas do mundo. Você entendeu? Então tem as duas coisas aí junto.- Aparecida das Dores Silva do Nascimento (Livramento de Nossa Senhora-BA)

(...) eu nem sabia que existia São Carlos. São Carlos... pra mim era um pedaço de São Paulo, ou coisa assim. E meu irmão tinha vindo pra cá, trabalhava na Electrolux. E aí eu pesquisando, eu via nos livros assim, livros didáticos... Bauru, São Carlos, não sei lá o que... e as universidades federais e tal. Quando eu vi que tinha universidade federal e USP... ‘É nessa cidade que eu tenho que ir’ (...) Eu cheguei a encontrar aqui em São Carlos uma biblioteca com mais de mil livros... coisa que eu não tinha... livro pra lá era luxo, lá em Pé de Serra era luxo.- Amilton do Sacramento Lima (Riachão do Jacuí-BA)

CHEGAR, ADAPTAR E CONSTRUIR

Muitos migrantes ao chegarem em São Carlos, se depararam com uma série de dificuldades com as condições de trabalho tanto nas grandes plantações, quanto nas indústrias. Para conseguirem se estabelecer na cidade, na maior parte dos casos, os migrantes chegam a aceitar empregos que os moradores locais não aceitariam, empregos domésticos, trabalhos braçais que exigem pouca qualificação, colhedores de laranja e cortadores da cana.

Quando eu cheguei aqui eu não entendia o que que raio era o hora e dez, o hora e vinte. Eu entendo. Um minutinho só... - Aparecida das Dores Silva (Livramento de Nossa Senhora-BA)

Me chamavam de gayzinho, de bichinha, sei lá o que... de todo nome, porque é o meu jeitinho sempre. (...) Olha, eu senti muito... porque assim, eu trabalhei com muita gente daqui... do pessoal mesmo do chão de fábrica... que a gente fala assim, de uma forma que é pejorativa talvez... daqui de São Carlos. - Amilton do Sacramento Lima (Riachão do Jacuí-BA)

Chegaram a dizer que eu só servia, que eu só sabia lavar fralda (...) aquele marido lá deitado me xingando e duvidando de mim, rindo de mim, da minha luta (...) A gente passou muita privação também no meu casamento. E eu fui, eu fiquei muito tempo em casa sem trabalhar, depois eu não conseguia admitir aquela falta, aquela maneira dele agir com a gente, uma falta de respeito absurda que ele tinha por mim. Chegava a me discriminar por eu ser nordestina - Maria do Carmo Neves (Campina Grande-PB)

Quando se estabeleceram em bairros periféricos da cidade, como Antenor Garcia e Cidade Aracy, foram aos poucos aprendendo a lidar com o cotidiano diferente de suas terras natais. Com o passar do tempo, alguns alcançaram ascensão social, conseguindo mudar de casas e para empregos melhores.

Isso, aí eu vendi a minha casinha que eu tinha lá [Cajazeiras], né, vendi lá a casinha, eu criava uma vaquinha, uns bichinho lá, aí vendi tudo e comprei um chão aqui, pra morar, esse chão aqui, comprei. Aí, fomo trabaiano, trabaiano e construimo aqui essa casinha e tamo aqui dentro até hoje. - Maria Eunici Rodrigues (Cajazeiras-PE)

(...) sofri, e fazendo a casinha aqui em cima, morando lá e vindo fazer a casa. Foi sofrido, nós trabalhemo até o domingo, e cortava cana até o sábado” - Antonio Rodrigues da Silva (Pesqueira-PE)

(...) quando eu consegui a vaga na Industrial, eu ia começar a estudar, imagina o drama, vou até falar porque... Tive que deixar meus filhos, minha filha pequena em casa... ela tinha coisa acho que de quatro anos... com o mais velho, que tava com doze, a noite. (...) [Mas, depois] Eu saí na segunda chamada em Biblioteconomia e Ciência da Informação. - Aparecida das Dores Silva (Livramento de Nossa Senhora-BA)

NORDESTE DE VÁRIOS POVOS: CONSTRUINDO UMA NOVA VIDA

A COLONIA DE PESQUEIRA EM SANTA EUDÓXIA

Durante a realização da pesquisa sobre os migrantes em São Carlos, notou-se a presença de muitos pernambucanos no distrito de Santa Eudóxia, vindos da mesma região ou vizinhanças. Muitos tinham vindo de Pesqueira, entre 1970 e 1990, período no qual o fluxo destes migrantes parece ter sido mais intenso.

Pesqueira é um município do interior do Pernambuco, com uma população estimada de 66.881 pessoas, ficando a 215 km distante da capital Recife. O clima do município é semiárido, no qual ocorrem chuvas relativas e em pontos localizados.

Em Santa Eudóxia, muitos pesqueirenses se estabeleceram, principalmente por causa do trabalho nas usinas de cana e pelas lavouras de laranja.

(...) eu trabalhei na [usina] Santa Rita, que era cana, depois eu passei pra Ipiranga, da Ipiranga eu fui... (...) trabalhei cortando cana oito ano, aí eu da Ipiranga fui pro Jaguarão. (...) aí vendeu o Jaguarão e eu fui pra Coimbra (...) tudo laranja, carpir, tudo. - Antonio Rodrigues da Silva.

Vale ressaltar que muitas das pessoas de Pesqueira só chegaram até Santa Eudóxia por causa das redes familiares. Com primos ou irmãos estabelecidos, havia mais confiança por parte dos pesqueirenses em mudar de sua região de origem para o distrito de São Carlos. Houve, assim, a formação de uma pequena “colônia” em Santa Eudóxia de famílias vindas do município Pernambucano.

Eu vim de cidade de Pesqueira, Pernambuco (...) [e] já tinha um ex cunhado meu [em Santa Eudóxia]. - Antônio Rodrigues da Silva.

O meu irmão? Morava, já morava em Santa Eudóxia. - Josefa Pereira da Silva (Silene).

“Nessa rua aqui, moça, é tudo pernambucano.” - Josefa Maria de Matos (Dona Zezé).

Filhos e netos das primeiras pessoas que chegaram não estão mais nas mesmas condições. Muitos não trabalham mais no campo, porque conseguiram certa estabilidade na vida.

O primeiro [filho] foi trabaia lá na Santa Rita. (...) Tudo trabalhou lá, os dois. Eu tenho duas meninas, uma é solteira ainda e a outra casou. (...) Ela nunca trabaiou na roça (...) ela trabaia em São Carlo e, só tem um menino parado, que agora saiu da firma lá de Água Vermelha, trabalha naquele serviço de soldador (...) - Antonio Rodrigues da Silva

[os filhos] Estudaram. Só o mais novo que fez o terceiro, mas os outros dois só até a oitava (...) O mais velho trabalha de tratorista na usina (...) e a menina trabalha com faxina em São Carlos. - Josefa Pereira da Silva (Silene).

(...) depois que chegemo aqui eles [filhos] estudaram sim (...) Fizeram o colegial e estudo, ensino médio, né? (...) Uns trabalham em São Carlos, só tem um que trabalha na roça. - Josefa Maria de Matos (Dona Zezé)

(...) Trabaiei [na Fazenda Jaguarão, na lavoura de laranja] de nove pra dez ano (...) foi quando eu peguei o meu acerto e surgiu essa casinha pra eu comprar. (...) É um barraquinho de brasilit...Não, mas eu to ajeitando ainda, to trabaiano, todo mês eu gasto dinheiro aí, todo mês. Aí eu comprei e todo ano eu to gastando, faz uns sete ano que eu comprei. (...) Aqui é uma região [onde se estabeleceram muitos pernambucanos] muito boa, você vê que tem a praça, não é um lugar cheio de mato, não é um lugar cheio de entulho. - Antonio Rodrigues da Silva.

Não, mas na verdade isso aqui mesmo que nem eu falei pra você, nós formou tudinho isso aqui, isso aqui não tinha nada, a rua nós que formou (...) nós formou isso aqui, pode dizer que é o cartão-postal daqui é essa praça aqui, de dia de domingo você precisa ver como é que fica aqui. - Zezito Rodrigues de Matos (Seu Zezito).

NOVA VIDA EM OUTRAS TERRAS

A cidade de São Carlos demonstra, a partir das entrevistas realizadas e de pesquisas já feitas, ser um município de constante movimentação de pessoas, onde os números destas sempre mudam. Cada vez mais tem recebido migrantes de outras cidades e estados que chegam para estudar, por seus familiares, ou pela emergência em melhorar de vida. Estes, por sua vez, deixaram inúmeras contribuições para São Carlos.

(...) eu montei o meu trabalho de conclusão de curso... lá eu montei uma biblioteca comunitária [no Jardim Santa Felícia], particular comunitária... que eu provei que era possível funcionar lá no bairro onde eu morava... que eu montei com minha professora... - Amilton do Sacramento Lima (Riachão do Jacuí-BA)

Nosso centro de São Carlos, que eu passei a minha infância, porque o meu pai tinha comércio. Nós somos de uma família de comerciantes. (...) é a minha cidade...São Carlos, no interior de São Paulo... uma cidade que eu tenho o maior orgulho - Adriana Colin (Boa Esperança do Sul-SP)

Fui muito acolhida aqui em São Carlos, desde que eu cheguei, eu tenho um amor enorme pela cidade, as pessoas me receberam muito bem, muito bem. Tive uma facilidade muito grande de fazer amigos, tenho muitas

amigas, comemorei o meu aniversário agora com sessenta amigas. -
Andreia Reis (Lages-SC)

(...) eu acho que eu fui empreendedor, os meus empreendimentos não pararam aí. Eu sempre gostei muito de política e informação. Eu montei quatro rádios na minha vida, quatro rádios. (...) A Intersom, fui eu que montei...” - Coriolano Meirelles (São Paulo-SP)

(...) eu to dentro da Federal e adoro aquela universidade com todos os problemas assim, eu falo “que espaço gostoso”. Eu falo que é onde me alivia (...) - Aparecida das Dores Silva (Livramento de Nossa Senhora-BA)

(...) tenho os trabalhos com o projeto Criança, eu tenho um compromisso com uma equipe que foi formada pelos mentores da casa, mentores espirituais, reunião de ectoplasma, que trata de pessoas mais doentes, com câncer e tal, é o tratamento espiritual, aí eu faço parte dessa equipe (...) e a primeira horta orgânica aqui em São Carlos foi uma iniciativa minha como cidadã por causa da fome de um menino assistido pelo Projeto Criança lá do Antenor Garcia, então os migrantes também têm contribuição pro desenvolvimento do município. - Terezinha Arruda (Corumbá-MS)

FICHA TÉCNICA

Coordenação
Leila Maria Massarão

Pesquisa
Leila Maria Massarão
Henrique Russignoli Amaral
Diego Cassiano Polacchini Biason
João Pedro Volante

Transcrições
Henrique Russignoli Amaral

Textos e seleção de imagens
Leila Maria Massarão
João Pedro Volante

Compilação de dados estatísticos
Diego Cassiano Polacchini Biason

Revisão
Bárbara Pauletto Fragalli

REFERÊNCIAS

Anais da X Semana de Geografia e V Encontro de Estudantes de Licenciatura em Geografia – “A Geografia em Presidente Prudente: 50 anos em movimento”. 2009

ANGELIN, P.E. Gênero e Migração em São Carlos – SP: A representação dos papéis sociais pela mulher migrante segundo o contexto sociocultural e familiar. GT9 – Estrutura social, dinâmica populacional e da migração. S.D.

ANTUNES, C. Migração, pentecostalismo e periferia urbana no bairro cidade aracy em são carlos interior de são paulo. 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo-SP. 2015

Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Anais VIII Encontro Nacional sobre Migração. Grupo de Trabalho Migração. Belo Horizonte/MG. 2013

BAENINGER, R. Novos Espaços da Migração no Brasil: Anos 80 e 90. Disponível em <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/980/945>>. Acesso em 31/08/2017.

_____. Interiorização da migração em São Paulo: novas territorialidades e novos desafios teóricos. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG, de 20-24 de Setembro de 2004. Disponível em <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/download/1282/1246>>. Acesso em 23/01/2017

BARBOSA, A.M.; MATOS, R.E.S.; LOBO, C.F.F. Cidades médias e atração de migrantes qualificados. Geosul, Florianópolis, v. 30, n. 60, jul/dez 2015, p.69-88.

CLEPS, G.D.G. A desconcentração industrial no Estado de São Paulo e a expansão do comércio e do setor de serviços. Caminhos da Geografia, v. 4, n. 9, jun 2003, p. 66-89.

DA SILVA, V.F. Origem migrante. Avá. n.11. Posadas. Jul/2007. Versão online ISSN 1851-694. Disponível em <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-16942007000200005>. Acesso em 07/03/2018

DAL POZZO, C.F. Territórios de autoss segregação e se segregação imposta: fragmentação socioespacial em Marília e São Carlos. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Presidente Prudente, 2011.

DOZENA, A. São Carlos e seu “desenvolvimento”: contradições urbanas de um pólo tecnológico. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2001.

FERRARI, M.M. A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951-1954) - seca e desigualdades regionais. 2005. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2005

JANUZZI, P.M.. Dinâmica migratória recente no interior paulista. São Paulo em Perspectiva, v. 10. n. 2. 1996.

MACIEL, L.M. Dos roçados do nordeste, das periferias urbanas aos laranjais paulistas: migração e condições de trabalho na citricultura brasileira. International Journal on working conditions, n. 4, dez 2012

_____. O sentido de melhorar de vida: arranjos familiares na dinâmica das migrações rurais-urbanas em São Carlos – SP. Dissertação de Mestrado. Campinas, 2012

MONDARDO, M.L. A dinâmica migratória do Paraná: o caso da região Sudeste ao longo do século XX. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, jan/jun 2011, p. 103-131

MORAES SILVA, M.A.de. Mortes e acidentes nas profundezas do ‘mar de cana’ e dos Laranjais paulistas. INTERFACEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente - v.3, n.2, Artigo 1, abr./ agosto 2008. Disponível em <http://www.interfacehs.sp.senac.br/br/artigos.asp?ed=8&cod_artigo=146>. Acesso em 25/01/2017.

PACHECO, C.A., PATARRA, N. Movimentos migratórios anos 80: novos padrões? Anais do Encontro Nacional Sobre Migração, Curitiba: ABEP/IPARDES, 1998

PAIVA, O. Histórias da (l)migração; imigrantes e Migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e início do século XXI”. Coleção Ensino & Memória. Arquivo do Estado de São Paulo. 2013. E-Book. Disponível em <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/assets/publicacao/anexo/historias_da_l_migracao.pdf>. Acesso em 19/01/2017

PERILLO, S.R. Novos Caminhos da Migração no Estado de São Paulo. São Paulo em Perspectiva, v. 10. n. 2. 1996

TRONCON, R.T. Fronteiras em disputa na produção da cidade: a trajetória do “Gonzaga” de favela a bairro de periferia. 2008. Dissertação de mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências – UNICAMP, Campinas-SP. 2008

VALE, A.L.F., LIMA, L.C., BONFIM, M.G. Século XX: 70 anos de migração interna no Brasil. Revista Textos e Debates-Revista de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima. n.7. 2004. Disponível em <<https://revista.ufr.br/textosedebates/article/download/1027/841>>. Acesso em 19/01/2017

VALLILO, S.B. Produção de periferias urbanas em cidades médias paulistas: o caso de São Carlos e São José do Rio Preto. 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP 2015

VILELA, E.M.; MONSMA, K. Migração interestadual e desigualdade racial: evidência do Estado de São Paulo. Sociologias, Porto Alegre, ano 17, n. 40, set/dez 2015, p. 256-291.